

Cargos e Responsabilidades

“E chegou a Cafarnaum, e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho?”

Mas eles calaram-se, porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior:

E ele, assentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.

E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes:

Qualquer que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe não a mim, mas ao que me enviou.”

Marcos 9:33 a 37

- Dona Modesta! Não via a hora de conversarmos!
- Aqui estou, amiga querida! Como passou a noite?
- Bem, muito bem! Tenho a impressão de ter um coração novo!
- Ótimo! Pretendo tirar você desta cama mais rápido que pensa.
- E a senhora?... Posso saber aonde vai nessa elegância? – manifestou a convalescente com humor.
- Vou a Terra. Tenho muitas visitas e compromissos por lá, hoje.

— Jamais imaginei uma rotina como a de vocês. Conversei muito com Rosângela e impressionei-me com o ritmo de trabalho por estas bandas.

— Abençoado trabalho, Selena!

— Dona Modesta... eu...

— Já sei! Quer saber tudo. Tim-tim por tim-tim!...

— Tenho algum problema grave?

— Nem tanto! Uma obsessão crônica, envelhecida.

— Uma obsessão? É sério?

— É sério.

— O obsessivo foi assistido?

— E como!

— Onde está?

— Aqui.

— Aqui?!

— Diante de mim.

— A senhora está de muito humor hoje.

— Não é só humor. É fato. O obsessivo, caso prefira utilizar essa indesejável expressão, está aqui, na minha frente.

— Eu?

— Você vê mais alguém aqui no quarto?

— Mas...

— Quero lhe fazer uma pergunta, Selena – assim expressou a benfeitora mudando o tom da conversa.

— Faça!

— Qual o significado de Angélica, sua companheira de lides espíritas, para você?

— Sinto coisas horríveis por ela depois do que ouvi na reunião de diretoria.

— Já sentia isso antes?

— Eu...

— Sem máscaras, Selena!

— Sim, já sentia. Angélica causava-me um misto de carinho e necessidade de posse. Não admitia vê-la longe de

minhas ordens, ou...

— Ou?...

— Não admitia vê-la agindo sem minha permissão ou contrariando minhas opiniões. Creio que seja a filha que não tive, ou... quem sabe... era um carma meu...

— Ela se queixava disso?

— Muito. Mas não tinha razões para isso.

— Qual era a queixa?

— Dizia que a sufocava. Chamava-me de controladora.

— E você era?

— Nem um pouco. Apenas me sentia muito responsável por ela.

— Engano seu, amiga querida! Engano seu! Você não só a controlava como a impedia de crescer. Em verdade, sua atitude foi um grilhão na vida de Angélica.

— Dona Modesta, não fale assim comigo, pois minhas intenções eram as melhores.

— Minha filha, chegou a hora da verdade. Olhe-se no espelho da consciência. É imperiosa sua confissão.

— Confissão?...

— Confessar medos, Selena. Confessar interesses! A maioria das criaturas que deixam a vida corporal chegam aqui com densas carapaças psíquicas encobrendo seus medos. Medos cultivados às ocultas durante seu trajeto de vida.

— De que medo a senhora está falando?

— Quem deve saber é você, amiga. Pense!

— Por vezes, passava algumas idéias sem sentido pela minha cabeça.

— Fale sobre elas.

— Achava Angélica muito imatura e entusiasmada. Excessivamente bondosa... Acreditava demais nos espíritos e nos líderes do movimento... Demasiadamente criativa.

— Onde se oculta seu receio nessas questões?

— Não que eu tivesse receio, mas...

— Selena! Selena! – interrompeu dona Modesta. Pare de contornar o problema. Seja clara. Era receio ou não era?

— Era Dona Modesta! Era sim. Desculpe-me por rodear demais. É difícil este assunto para mim e ainda não me sinto muito bem.

— Compreendo. Todavia é seu instante de cura, companhia. Chega de fugas e desculpas. Meu papel é auxiliá-la no enfrentamento íntimo. Preferível a dor da verdade que o cáustico da mentira prolongada. Fale!

— Eu tinha medo de Angélica roubar meu lugar. Tinha zelo com o trabalho. As idéias dela eram avançadas demais. Não me inspiravam segurança. Muito afoita e cordata. Apesar disso, catalisava os demais e...

— E...

— Precisava podá-la por receio de não acompanhá-la. Não conseguir manter minha posição...

— Posição?...

— Meu cargo! Foi com tanto sacrifício e renúncia que cheguei até onde cheguei. Eu tinha as melhores intenções. Será que fiz mal?

— Preciso convir que, o desejo sincero a que você chama de melhores intenções costuma ser inegável em muitos casos. Isso, porém, não é suficiente para a criação de laços autênticos e duradouros, tecidos através da lealdade aos nossos reais sentimentos. Conviver é um desafio, Selena! Ainda que imbuídos das melhores intenções, nosso egoísmo é saliente demais para permitir-nos conviver à luz das propostas do autêntico amor. Você não fez nada por maldade. Quase sempre, nossos relacionamentos são como uma casa sobre a areia, sujeita a ruir perante frágeis intempéries. Porque não possuímos qualidades morais suficientes, adotamos dois caminhos nos relacionamentos.

— Quais?

— O controle e a indiferença. Raramente escapamos a

esses desatinos ético-emocionais. Não fomos educadas para conviver. Somos recém-egressos do instinto. Somente agora iniciamos os primeiros passos na senda do altruísmo, do desprendimento, da solidariedade e, caridade cristã. A noção que trazemos de família e amizade está sufocada por lastimável dose de interesse pessoal e amor próprio. Se não conseguimos controlar alguém, quase sempre utilizamos o mecanismo da indiferença, isto é, a negação da diferença. O tema é extremamente profundo e sutil. Por essa razão, a fraternidade e a construção do afeto nos círculos de convivência ainda são obras sofríveis para almas como nós.

— Não se inclua, Dona Modesta, apenas para me aliviar! – falou descontrolada.

— Para aliviá-la?

— Claro que sim, pois como poderia uma trabalhadora como a senhora se colocar nessa condição?

— Você não me conheceu e ainda não me conhece bastante, minha filha. Natural que queira me poupar, considerando suas noções ainda encharcadas pelas teorias espíritas que trouxe da Terra. É possível que me tenha na conta de um espírito superior, ou algo assim, entretanto, prepare-se para se decepcionar.

— Decepcionar-me?!

— Não queira saber o que é passar uma semana a meu lado... Boa parte dos espíritas imaginam as esferas espirituais como lugares santificados, repletos de vultos do Espiritismo, aguardando-os de braços abertos depois da morte. Não foram poucos os que chegaram aqui procurando Allan Kardec e todos os demais expoentes da doutrina. Alguns mais enlouquecidos queriam ver Jesus... Acreditavam ter pagado todas as contas tão somente por passarem algumas décadas na distribuição de gêneros alimentícios e agasalhos...

— Difícil acreditar, Dona Modesta!

— Muita vez, quando encontram alguém conhecido,

esperam um par de asas sobre os ombros. Contudo, quando começam a conviver conosco, decepcionam-se em suas expectativas e...

— E...

— Então começam os problemas.

— ?

— Percebo sua dúvida, Selena, e, como mineira que não deixei de ser, vou lhe contar um caso. Quando desencarnei, Doutor Bezerra de Menezes chamou-me para assumir uma enorme responsabilidade nesta casa. Seria a condutora do pavilhão no qual se encontravam os casos mais complicados de cristãos falidos e enfermos. O pavilhão dos líderes e servidores coletivos. Com poucas semanas de tarefas, um grupo de almas afoitas reuniu-se para apresentar queixa sobre minha conduta firme. Não aceitavam uma mulher conduzindo-os. Estávamos no ano de 1964, imagine como era o preconceito contra a mulher!... Estavam revoltados por serem dirigidos por uma espírita que não tinha folha de serviço junto a órgãos e entidades de unificação. Questionavam: “Como pode uma dirigente de sanatório psiquiátrico ser nossa tutora?” Queriam alguém melhor e mais amável.

— Não consigo acreditar nisso! – atalhou Selena com espontânea surpresa.

— Não queira saber quanta balbúrdia e burburinho gerou tal ocorrência aqui no Hospital. Foram dias difíceis para todos nós. Fiquei muito magoada e nem imaginava que algo assim pudesse acontecer com alguém, muito menos comigo, que nunca pleiteei nada em torno de cargos e títulos. Chorei muito na véspera e procurei Eurípedes, que me acalmou. Ele me disse que tudo seria resolvido. Tivemos então que marcar uma reunião com Bezerra para decidir o caso.

— E como foi? – interrogou ansiosa a ouvinte.

— Um deles tomou a palavra e expôs em nome dos demais o ocorrido. Eram vinte ao todo. Doutor Bezerra ouviu

tudo com extrema serenidade. Eu nem ocupei em dizer nada, porque nem imaginava o que dizer. A vontade que tinha era... Bom deixa pra lá!

— Que dor deve ter sentido a senhora!

— Você nem imagina quanta dor. Após a palestra do representante do grupo, o bondoso Bezerra disse com determinação:

— *Irmãos em Cristo, aprecio a sinceridade de todos e as intenções justas pelo bem desta Casa do Cristo. Certamente, ao apresentarem suas queixas, devem ter, também, escolhido alguém que preencha os predicados morais que levaram o nosso diretor geral, Eurípedes Barsanulfo, a aprovar o nome de Dona Modesta na condução desse pavilhão.*

O representante do grupo externou:

— *Não, Doutor Bezerra. Não tivemos essa preocupação por desconhecer as razões da escolha de Dona Modesta. Apenas não concordamos com a decisão. Tem havido muito incômodo com as suas ações determinadas e demasiadamente, digamos..., sinceras... – falaram em tom de ironia.*

— *Sendo assim, peço fraternalmente licença aos irmãos para um acordo – externou Doutor Bezerra. Se me responderem com sinceridade a duas questões, considerem a transferência de Dona Modesta para outras atividades. Concordam que seja assim?”*

— *Claro! Claro!* – manifestaram todos, um a um, repletos de imponência, pois adoravam esse tipo de reunião decisória.

— *Qual de vocês, enquanto na Terra, devotou-se ao próximo sem limites de sacrifício na escola do amor?*

O grupo permaneceu em silêncio. Olhavam um para outro como se não entendessem a indagação. Pareciam esperar outro gênero de questionamentos. E, ainda sem digirirem a pergunta, Doutor Bezerra voltou à carga com ternura e firmeza:

— *Quais obras de amor deixaram na humanidade em nome*

do Cristo a fim de que os homens lembrem seus nomes na posteridade?

Ninguém respondeu absolutamente nada. Olhavam-se confusos. A reunião foi encerrada e já se passam mais de quatro décadas nas quais me encontro em serviço ativo neste pavilhão. Todos eles eram excelentes trabalhadores na seara, mas ainda carcomidos pelo interesse pessoal. Fizeram muito, entretanto descuidaram do amor. Operaram maravilhas pela teoria espírita, pela doutrina. Todavia, como ocorre a muitos, esqueceram o próximo. Não sabiam conviver, não sabiam enxugar uma lágrima, tinham péssimos relacionamentos, não suportavam ser contrariados, adoravam controlar e serem servidos, eram fascinados com suas folhas de serviço, mimavam os cargos e, no fundo, adoravam excluir. Uma grande diferença existe entre o tarefeiro e o servidor, o trabalhador e o operário.

15

Projeto Essencial

“Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XX, item 5.

— Estou estupefata diante de sua história! — expressou Selena.

— Você aprenderá muito por aqui, minha filha. Morrer tem suas vantagens!...

— Dona Modesta, seja franca comigo!

— Quer minha opinião sobre Angélica? — antecipou a benfeitora.

— Sim.

— Selena, vários casos de personalidade controladora explicam-se em razão da energia que a criatura emprega para tomar conta da vida, uma tentativa de não se decepcionar, não se frustrar. Quase sempre, são pessoas magoadas e com medo de serem ofendidas novamente depois de algum incidente doloroso. A maioria dos espíritas vem se preocupando demasiadamente com as obsessões de desencarnados para encarnados, entretanto desconhecem o quadro lamentável de obsessões que pululam nas relações humanas. É necessário convir que os desencarnados, devido